

## COOPERATIVAS E PÓS-CRISE

**\* Roberto Rodrigues**

A crise financeira afetou diferentemente os setores da economia, e às suas empresas: obviada acacia é que aquelas que estavam alavancadas sofreram muito mais, sobretudo com a escassez do crédito.

As cooperativas, no mundo todo, resistiram mais galhardamente às crises econômicas globais anteriores do que suas concorrentes tradicionais do mercado. Na crise asiática passada, os bancos cooperativos daquele continente praticamente não foram afetados, enquanto os comerciais perderam muito dinheiro e alguns quebraram.

A Aliança Cooperativa Internacional solicitou à OIT um estudo sobre esta capacidade de resistência na atual crise, com resultados instigantes. Ficou evidenciado que as cooperativas de crédito estão sólidas, inclusive aumentando o capital. Há uma clara interpretação de que empresas com valores e princípios éticos e morais como os da doutrina cooperativa têm crescente chance de sucesso na nova economia que emergirá no pós-crise, a chamada “economia verde”.

Onde está a diferença? Em primeiro lugar, a cooperativa é um modelo empresarial focado nas pessoas, oferecendo-lhes serviços para melhorar sua condição econômica e, a partir daí, a social. Em outras palavras, o objetivo da cooperativa não é o seu lucro, mas o progresso sustentável de gente da comunidade onde se instala.

Por outro lado, o cooperado tem um triplice papel na sua empresa: ele é ao mesmo tempo associado, usuário e investidor. Sendo assim, há uma tendência das cooperativas correrem menos riscos. Claro que terão, com isso, menos lucro, mas este não é mesmo sem objetivo.

Por isso é que os bancos cooperativos resistem mais às crises: seus dirigentes, que são cooperados, não arriscam o capital da cooperativa porque o fracasso os atingirá, além de atingir o corpo associado.

Por isso também as cooperativas mantêm os empregos de seus funcionários, assegurando a renda das famílias. Elas ainda garantem que os preços dos produtos e serviços se mantenham em níveis razoáveis, e com boa qualidade e confiabilidade. Sempre pensando nas pessoas.

Assim as cooperativas mostram bem o seu compromisso com a responsabilidade social e com a famosa sustentabilidade, nas suas 3 vertentes, a econômica, a social e a ambiental.

Elas não são instituições românticas ou sociedades de poetas mortos. São empresas, devem ser eficientes e competitivas, devem dar resultado financeiro positivo, tudo como qualquer outra empresa. Mas têm seus valores que fazem a diferença.

Governos de todos os continentes estão interessados em impulsionar o cooperativismo, compreendendo que este é o braço econômico da organização social, e aliado na defesa da democracia.

Se as lideranças mundiais do movimento souberem se posicionar frente às instituições multilaterais e aos governos, o cooperativismo tem grande

chance de contribuir positivamente para o novo mundo que vem surgindo depois da crise.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**